

A Amazônia na narrativa mítica na obra *Moronguetá – Um Decameron indígena*, de Manuel Nunes Pereira

Telma de Verçosa Roessing¹

Elenise Faria Scherer²
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

O objetivo do presente artigo é descrever sobre narrativas míticas constantes na obra de Manuel Nunes Pereira. Para esse fim, elegeram-se as histórias de Poramina Minare, narradas no livro *Moronguetá – Um Decameron indígena*, de autoria do referido autor, que representa a Amazônia indígena por meio de suas tradições e fábulas.

Palavras-chave: Narrativas míticas. Amazônia indígena. Tradições e fábulas.

Abstract

This article aims to analyze mythical narratives contained in the works of Manuel Nunes Pereira. For this purpose, the stories of Poramina Minare, recounted in the book *Moronguetá – Um Decameron indígena*, authored by Pereira, were chosen, given that they provide a representation of the indigenous Amazon through their traditions and fables.

Keywords: Mythical narratives. Indigenous Amazon. Traditions and fables.

Introdução

Busca-se, neste artigo, descrever as narrativas míticas da obra *Moronguetá – Um Decameron indígena*, de Manuel Nunes Pereira, a qual representa a Amazônia, por meio de tradições e fábulas, além de trazer informações acerca do espaço geográfico onde se situavam as tribos, do clima, da flora, da fauna e da situação dos índios, findando com glossários e notas que podem ser considerados verdadeiros dicionários da língua indígena.

O autor escreve sobre a natureza, mas elege o índio como foco maior na busca de seu conhecimento amazônico. São as gentes amazônicas o seu maior interesse, o qual fica demonstrado logo no início da obra, quando ele faz a pergunta: “Por que não procuramos conhecer e amar, humanamente o índio?” (1967, p. 5).

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

2 Professora Dr.^a do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Thiago de Mello (1967), na orelha do referido livro, descreve a obra como “um livro de estórias encantadas”, afirmando que

A magia do livro vai por conta da raça. Por conta do índio, no qual o autor, meio índio ele também, viu sobretudo e profundamente o homem. Não o bugre, não apenas o ser primitivo, o pré-lógico. Mas um homem, uma mulher, uma criança, sinto vontade de dizer um companheiro. Porque só assim é que Nunes Pereira quis e pôde recolher o que os índios tinham de melhor e de mais essencial e vivo: o seu pensamento, a sua imaginação, o poderoso sortilégio de sua literatura oral.

O livro *Moronguetá – Um Decameron indígena* é composto de dois volumes, os quais trazem mitos, histórias, contos e lendas maravilhosas de várias etnias que se estabeleciam em áreas correspondentes aos estados do Amazonas, Roraima e Rondônia, numa linguagem alegre, mágica, encantadora, irônica e, por vezes, obscena.

Ao explicar sobre o título da obra, Pereira (1967, v. 1, p. 9) justifica a escolha dizendo que o conteúdo das narrativas indígenas “era romântico, heroico, erótico, fescenino, escabroso, obsceno mesmo, e, igualmente, sarcástico, irônico, pilhérico, humorístico, burlesco” como na obra-prima da literatura florentina *Il Decameron*, de Messer Giovanni Boccaccio.

Na escolha do título, Pereira (1967, v. 1, p. 12) lembrou, ainda, da obra *O Decameron Negro*, de Leo Frobenius, a qual, por encontrar analogia no conteúdo de narrativas recolhidas entre os povos africanos com a obra de Boccaccio, foi assim denominada. Quanto ao vocábulo *Moronguetá*, afirmou, simplesmente, certa vez em uma entrevista: “*Moronguetá* quer dizer histórias. Eram narrativas de índios ...” (1993, p. 125).

O poeta Carlos Drumond de Andrade sobre o livro observou:

O papo-firme dos índios: mas, em essência o mesmo das damas e rapazes florentinos, há seis séculos, reunidos para discutirem sobre casos de amor e de morte, de astúcia, violência e picaresco, tais como os que imaginou Boccaccio e os que Frobenius, analogicamente identificou entre povos africanos. (1993, p. 93).

Para o propósito aqui anunciado, faz-se, entretanto, um recorte na obra mencionada, escolhendo-se as histórias de *Poromina Minare ou Poronominare*, narradas no primeiro volume (1967, v. 1, pp. 232 - 250) e extraídas do imaginário indígena. Herói ou anti-herói da cultura Baré, etnia da região do Vale do Rio Negro, esse personagem “não perde para o famanaz Macunaíma”, de Mário de Andrade, afirmou Carlos Drumond de Andrade (1993, p.

94), haja vista que protagoniza curiosas e diferentes manifestações da sexualidade primitiva, como sustentou Pereira (1967, v. 1, p. 6) ao comentar sobre os produtos expressivos da imaginação indígena coletados em suas viagens.

A narrativa de suas histórias evidencia a literatura oral dos indígenas da Amazônia brasileira, tão bem apresentada pelo autor nessa coletânea fabular e informativa sobre o universo mítico amazônico.

Numerosas criações do instinto, da magia negra, da subordinação a totens, da linguagem excitante, elogiosa ou deprimente, da embriaguez com sucos fermentados de frutos e raízes, da mastigação ou da absorção de afrodisíacos e alucinógenos, como o ipadu, o caapi e o paricá, da prática ou da frustração do ato sexual, e, neste, da paixão amorosa, podiam ser confinados entre o masoquismo e o sadismo, entre os vícios mais abjetos e as mais nobres virtudes em que são férteis e se distinguem, paradoxalmente, tanto os povos em plena decadência cultural como os que atingiram o vértice da sua evolução. (PEREIRA, 1967, v. 1, p. 7).

Sobre o autor

Manuel Nunes Pereira era maranhense, nasceu em São Luís do Maranhão em 26 de junho de 1893 e faleceu no Rio de Janeiro em 26 de fevereiro de 1985. Veio cedo para o Amazonas e foi um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras.

Dedicou sua vida produtiva de intelectual, antropólogo, etnólogo e biólogo à região Amazônica, a qual vivenciou por mais de quarenta anos, a partir do ano de 1918.

Durante mais de quarenta anos, desde o litoral atlântico às encostas guianenses, empreendemos numerosas e acidentadas viagens através da Amazônia Brasileira e países limítrofes, lidando quotidianamente com os habitantes das suas cidades, vilarejos, seringais, fazendas, centros de pesca e de extração de madeiras e minérios. (PEREIRA, 1967, v.1, p. 1).

Braga (1997, p. 7) destaca que Nunes Pereira “era partidário de um movimento de inteligência e sensibilidade – não só ciência e sensacionalismo apenas – em louvor da cultura espiritual do índio e, conseqüentemente, em favor da nossa própria cultura”, deixando que seus sentidos fossem emprenhados por lendas, mitos, saberes e sabores, os quais os envolveram com a magia do universo amazônico, como bem afirma Costa (2007, p. 278). Tinha jeitão boêmio, bom bebedor que foi até findar-se aos 92 anos. Era estudioso metódico, pesquisador obstinado e pertinaz, o qual tornou-se autodidata, após abandonar o curso de Direito. Além do português e o tupi-guarani, [nheengatu](#), dominava o inglês, o francês, o alemão e o italiano. (BITTENCOURT, 1993, p. 117).

Representava bem o homem brasileiro: branco, preto e índio. Ele mesmo dizia ter “os cabelos do português, as feições do índio e o tom de pele mulato herdado de minha mãe”. Seu enorme repertório engraçadíssimo de episódios e de anotações de raro valor científico, usadas em seus trabalhos, decorreram de longos períodos de convivência com os indígenas, alimentando-se e procedendo como um deles. (BITTENCOURT, 1993, p. 117).

Em adeus ao autor de *Moronguetá*, Joao de M. Souza (1993, p. 90) registrou que “na eternidade da obra etnológica, a glória mais viva de Nunes Pereira aqui ficou, neste adeus, reconheço que jamais deixará de viver na gratidão dos amazonenses, como luz sempre acesa de esplendor e de imortalidade.

Ao se reportar a sua morte, o jornal O Globo escreveu:

Com sua fisionomia de índio (descendia de negros, portugueses e índios), uma vasta cabeleira precocemente embranquecida, que fazia um belo contraste com sua tez escura, Nunes Pereira, nas quatro décadas de permanente contato com os índios adquiriu hábitos estranhos ao homem civilizado. Deitava-se para dormir às 19 horas, acordava às 2 da madrugada, trabalhava até às 5 horas e voltava a dormir por uma ou duas horas. Com os índios comeu tudo que eles comiam, que é a melhor maneira de dar-lhes satisfação. Provou, inclusive, caça assada dentro da própria pele do animal, que ele afirmava ser muito saborosa e de alto valor nutritivo. Depois, toda a sua alimentação era à base de peixe. (O GLOBO, 1993, p. 26).

Suas características físicas e comportamentais também foram destacadas por Josue Montello (1993, p. 111):

Cor de cobre, cabeça branca, estatura média, era ele um tipo inconfundível. Olhando uma vez, permanecia para sempre em nossa memória. Sobre tudo se entretinha conosco um diálogo. Porque o seu modo de falar era também inconfundível. Autenticamente Nunes Pereira.



“O sorriso um tanto sardônico do sábio amigo dos índios” (PORTO, 1993).

A Amazônia mítica representada nas aventuras *Poromina Minare* ou *Porominare*

“Coletamos os produtos expressivos da imaginação indígena, através da literatura oral ou mitologia ou folclore descritivo, como entendam designá-la”, assim registrou Pereira (1967, v. 1, p. 6). Para ele os “contornos e matizes de fatos, de acontecimentos, de episódios reais ou imaginários eram ali bastante demonstrativos da *unidade orgânica* que liga, de maneira indissociável, numa sociedade indígena, o problema sexual, a família e o parentesco”. (1967, v. 1, p. 6). Captou, assim, um imaginário popular brasileiro, que, na Amazônia, enraíza-se no ambiente fantástico da floresta milenar, retratando episódios onde não existe separação clara e exata do mundo humano e do mundo animal e vegetal.

Pereira descreve as aventuras de *Poromina Minare* ou *Porominare* coletadas nas viagens realizadas ao Vale do Rio Negro e seus afluentes, na década de cinquenta do século passado, sendo atribuído ao velho Martinho, do lugar Temeduai, as narrativas dessas histórias. Informa, ainda, o referido autor, que no livro de Brandão de Amorim, *Lendas em Português e Nheengatu*, também ocorrem essas narrativas, sob o título de *Proezas de Porominare* ou *Poromina Minare*. ” (PEREIRA, 1967, v. 1, p. 211 e 212).



O velho Martinho, narrador das aventuras de *Poromina Minare* ou *Poraminare* (PEREIRA, 1967, v. 1).

Para Ricoeur, na ficção, existem dois discursos, o discurso do narrador e o discurso dos personagens. As narrativas dos mitos, das lendas, dos contos, são representativas do mundo narrado, onde os interlocutores não estão envolvidos e nem entram em cena. (RICOEUR, 2010, p. 112 e 115). As histórias de *Poromina Minare* se iniciam assim, sem o envolvimento do narrador:

Antigamente, contam os velhos, morava nestas terras uma moça muito bonita, chamada POROMINA.

Vivia sozinha e vários bichos queriam casar-se com ela.

O Mucura Grande era quem mais a perseguia, mas também o Mucura POÁCARE a cobiçava.

Poromina não gostava do Mucura Grande, porque fedia muito, mas gostava muito de Poácare. (PEREIRA, 1967, p. 232).

Evidencia-se, também, que na narrativa das histórias de Poromina Minare, a noção de tempo e de espaço aparece sem contornos nítidos. Nesse aspecto, Nunes (2000, p. 66) salienta que “a rigor não há um *tempo mítico*, porque o mito, a história sagrada do cosmos, do homem, das coisas e da cultura, abole a sucessão temporal”. E acrescenta: “O que quer que o mito narre, ele sempre conta o que produziu num tempo único que ele mesmo instaura, e no qual aquilo que uma vez aconteceu continua se produzindo toda vez que é narrado.”

A disputa entre Mucura Grande e Poácare ou Mucura Poácare³, pelo amor de Poromina, é a tônica inicial da narrativa, sendo que Poácare se destaca por ter sido o escolhido por Poramina⁴, tornando-se personagem importante no lendário indígena do alto rio Negro, pois da sua união com a moça Poromina, nasceu *Poramina Minare* ou *Porominare* – herói de tantas façanhas e aventuras, ora tragicômicas, ora romântico-obscenas. (PEREIRA, 1967, v. 1, p. 337).

Os personagens antropomorfos constantes das histórias narradas e coletadas por Nunes Pereira, trazem o universo da fauna amazônica. Seres humanos e animais da selva se relacionam na imaginação indígena criadora que faz com que os bichos falem e demonstrem sentimentos, o que dá sentido à afirmação de Ricoeur (2010, p. 111) de que “todo o peso da ficção repousa na invenção de personagens que pensam, sentem, agem e que são a origem-eu fictícia dos pensamentos, sentimentos e ações da história narrada.” Nesse sentido, para Ricoeur a ação narrada não acontece propriamente, o que caracteriza a ausência de temporalidade na ficção.

Poromina Minare⁵ é fruto dessas relações e desde o início da narrativa, percebe-se que a ação e a intriga desempenham um papel dominante nas histórias desse herói Baré. Seus pais Poramina e Poácare não sobreviveram às perseguições do Mucura Grande, motivado pela ausência do amor de Poramina. “O Mucura quis abraçar a moça, mas essa correu para Poácare dizendo: - Tu és meu marido.” (PEREIRA, 1967, v. 1, p. 234).

3 Personagens da mitologia indígena dos Baré, etnia do rio Negro. (PEREIRA, 1967, v. 1, p. 336).

4 Aparece no lendário indígena Baré como mulher de Poácare ou Mucura Poácare. (PEREIRA, 1967, v. 1, p. 340).

5 Herói da etnia Baré. “Esse é, a nosso ver, o nome definitivo e popular, rico de magia e de pletora selvagem, do violador de mulheres, do ludibriador de homens e de animais.” (PEREIRA, 1967, v. 1, p. 337).

Para Pinheiro (2014, p. 47) não se trata “de um relato qualquer, senão um diálogo belo, cheio de curiosidade, mistério e surpresas, movido por palpitações que oscilam entre a excitação e aterrorização, acabando por vezes num misto de derrisão e pânico.” E acrescenta:

A poesia desses narradores da selva trouxe a lume a compreensão da Amazônia como um espaço estético privilegiado à semelhança de um grande anfiteatro no qual a natureza e cultura protagonizam a vida e suas plumagens policrômicas e suas vozes polifônicas. (2014, p. 54).

A cultura indígena amazônica fica registrada em vários trechos da narrativa, como o costume de dormir em rede, o de praticar atividades coletivas, o de tomar bebidas feitas de frutas da região, as comidas, as espécies de peixes, as ervas e suas funções e as armas de caça utilizadas pelos índios.

O Mucura desconfiou logo que Poromina tinha ido para a casa de Poácare.
E correu para lá.
Encontrou Poácare e Poromina embalando-se na rede.

.....
Então Poromina disse ao marido que convidasse todos os bichos que sobem em árvores e delas descem de cabeça para baixo.
E Poácare fez como Poromina lhe dissera. E a todos os convidados dizia que o dabacuri⁶ seria de bacaba⁷.

.....
Muito tempo depois Poromina ficou prenha. E Poácare só andava pelos matos, procurando coisa gostosa que ela desejava.
Foi assim que encontrou num poço de igarapé muitos *pirá-mirim*⁸, bonitos e gostosos de comer.

.....
Mas, como os peixinhos eram muito ariscos, Poácare deixou Poromina ali e foi apanhar folhas e raízes de *cunambi*⁹ para tinguijar a água do poço.
Voltou para junto da mulher, depois machucou as folhas e pisou raízes de *cunambi*, jogando tudo na água.

.....
- É o Mucura e a gente dele que vem nos matar.
Então Poácare mandou que Poromina se escondesse no tubo de sua sarabatana.¹⁰ (PEREIRA, 1967, v. 1, pp. 234-236)

6 Festa ritualística de tradição indígena que um amigo ou parente oferece a outro em sua casa ou na casa em que se acha morando que inclui fruta da estação. (PEREIRA, 1967, v. 1, p. 333).

7 Fruto de uma palmeira, do qual pode-se fazer um excelente vinho que é bebido com farinha, açúcar ou puro. (Idem, p. 362).

8 Peixinhos ornamentais que são comidos pelos indígenas, às vezes com pimenta. (Idem, p. 369).

9 Planta utilizada pelos povos da Amazônia para tinguijar, isto é, embebedar o peixe para capturá-lo. PEREIRA, 1967, p. 371).

10 Arma de caça utilizada pelos índios, de fácil manejo e apreciável eficiência. (Idem, p. 309).

Nesse cenário amazônico é narrada a morte dos pais de Poraminare e o seu nascer. “Porque, ora essas criações eram sombrias, tétricas, grotescas, lascivas, violentas, brutais, cruéis, ora eram luminosas, suaves, delicadas, tímidas, pueris, ingênuas, inocentes, difusas em indefinível lirismo.” (PEREIRA, 1967, v. 1, p. 7).

E bateu com a sarabatana no tronco de uma árvore.
De dentro da sarabatana saltou Poromina e foi cair na água do poço.
Os inimigos de Poácare pularam n'água do poço e ali mesmo a esquartejaram.
Depois fizeram o mesmo com Poácare.
Quando abriram a barriga de Poromina os matadores não viram que lhe saltara de dentro um menino. (PEREIRA, v. 1, p. 237).

O menino foi salvo por *Iauaca-Kiua*, personagem mítico, espécie de anjo da guarda, que o escondeu dos matadores de Poromina e Poácare e depois pediu à mãe velha de todas as Cutias que ficasse com ele e o criasse.

A vida está presente nas histórias de Poramina Minare senão como mera possibilidade e a morte como certeza iminente. Numa interpretação psicanalítica, a luta entre Eros e Tânatos. Porém, conforme afirma Emery (2014, p. 109), uma característica do imaginário amazônico, diferentemente da vertente dominante na maioria dos mitos ocidentais, é evidenciar uma “veia mais alegre, jocosa e muitas vezes chocarreira, na qual o Eros, e, portanto, a vida com suas inúmeras facécias, acaba por derrotar Tânatos, com suas tristezas, terrores e lamentos.”

Aqui, uma sucessão de aventuras, de lances bufos, e episódios burlescos findava em drama, sangue, pranto, gritos e estertores de agonia; mas, acolá, uma sucessão de aventuras, de episódios macabros, de lances dramáticos, findava em comédia, burlas, remoques, chufas, facécias, pilhérias, logros, risos e gargalhadas. (PEREIRA, 1967, v. 1, p. 7).

A culinária amazônica também fica ressaltada nas histórias de Porominare, traduzindo-se em expressão da identidade étnica, pois “a cozinha, a alimentação, as maneiras da mesa de cada país, região e lugar aparecem como território de afirmação, resistência e permanência.” (PINTO, 2012, p. 87).

A velha pôs as raízes de molho, depois as ralou, tirou tucupi, fez farinha da massa. E fez mais caldo de camarões para o menino.
Mas o tucupi acabou e a farinha também acabou.
Então a Cutia disse de novo que ia buscar raízes de mandioca para fazer o tucupi.

.....
O menino pediu que lhe dessem caribé na cuia grande.

.....
O menino bebeu caribé na cuia feita de casca de sorva pequena.

.....
E chegou a outra terra onde encontrou um velho lavrando um pau, uma velha fazendo beijos e duas moças: uma peneirando massa e outra espremendo-a num tipiti.

De acordo com Pereira são, ainda, registradas, nos relatos coletados, as manifestações da sexualidade primitiva, as quais confirmam as assertivas de Ricoeur (1965, p. 226), que, em seu ensaio sobre Freud, afirma que “é principalmente na região da fantasia que o princípio do prazer prossegue o seu império: é lá que a estrutura do *Wunsch* (desejo) se mantém mais longamente, talvez mesmo indefinidamente. ”

Depois, quando Poromina e Poácare dormiram, o Mucura arregalou mais os olhos e estendeu mais o pescoço, porque a mulher adormecera de pernas abertas.

O Mucura, então, por vingança cuspiu no sexo de Poramina.
(É por isso que todo sexo de mulher fede). (PEREIRA, v. 1, 1967, p. 234).

O amor erótico é estado manifesto nas aventuras de Poramina Minare, o qual é visto por Pereira (1967, v. 1, p. 357) como “um pansexual, como outro herói indígena *Macunaíma*; ” pois, segundo o autor:

Num estudo de sexologia indígena ou de sociologia sexual, esse personagem desorientaria tanto pela sua agressividade como pela sua galanteria, astúcia e ingenuidade. Era uma calamidade em marcha, como Don Juan ou Lovelace, Casanova ou Barba-azul, nada respeitando, nem a velhice, nem a infância, tudo seduzindo, violando, estuprando, prostituindo, matando. (PEREIRA, v. 1, p. 356).

A floresta é palco onde o personagem Poromina Minare, movido pelo desejo de vingar a morte de seus pais, se desloca em cenários de barbárie e erotismo. Ora mata, ora age com lascívia. E o espaço amazônico, representado na narrativa mítica das histórias de Porominare, também abriga explicações fantasiosas para diversos fenômenos e lugares, como se pudesse dizer a origem das coisas.

O menino arpoou a velha com um ferro-de-cova. E a velha, caindo, virou Raia. E o ferro-de-cova virou rabo de Raia. E como era muito pesado arrastou a velha para o fundo do igarapé.
(É por isso que toda Raia vive no fundo dos rios, dos lagos e dos igarapés).

.....

Poromina Minare ficou muitos dias em casa da mãe do Jaburu, saindo para caçar ou para pescar, quando tinha vontade.

Mas um dia, vendo que a velha ainda era bonita e forte, falou em juntar o seu corpo ao dela.

.....

Assim, quando os dois uniram os seus corpos, aquele carrapatinho ferrou o membro e, também, o escroto de Poromina Minare.

E logo o membro e o escroto dele começaram a doer e a inchar. E o membro cresceu tanto que ele o enrolou pela cintura, dando-lhes três voltas, e depois pelo pescoço, sustentando-o com as mãos e a cabeça.

.....

Então o macaquinho Ju-Pará foi buscar um cacete, curto e pesado, e deu uma pancada forte na cabeça daquele membro.

Poromina Minare deu um grito que abalou a terra, as árvores, as estrelas.

Vendo aflito que o seu membro ia desaparecer na bolsa do escroto, tratou de segurá-lo a toda pressa.

Se Poromina Minare não fosse tão ligeiro, nós, homens, nasceríamos sem membro.

.....

Ao passar o Cutia por perto de Poromina Minare, este lançou sobre ele uma flechinha de sua sarabatana, e o matou.

(Numa ilha do rio Içana está a cabeça do Cutia. Chama-se, em nheengatu, “*Acuti-acanga-capuanga*”).

Na mesma ocasião passava por ali o rei dos Tucanos.

Poromina Minare o flechou.

(Próximo à ilha onde caiu a cabeça do Cutia foi cair o Tucano e virou-se numa pedra grande, que é conhecida pelo nome de TUCANO-PONTA).

Mais adiante Poromina Minare encontrou o rei dos Mutuns e o flechou.

Poromina Minare estava perto do igarapé do Arabite.

O corpo do Mutum caiu no lugar que é hoje a SERRA DO MUTUM ou MUTUM-IRITERA, na margem do igarapé do Arabite. (PEREIRA, v. 1, pp. 239, 244, 245, 246 e 247).

E na viagem final de Poromina Minare, a narrativa apropria-se mais uma vez de personagens metamorfoseados e apresenta a sua metáfora da origem dos homens na terra, com exceção dele, uma espécie de matriz, que como o Adão bíblico, teria sido o primeiro homem a habitar nosso planeta, mais especificamente a Amazônia.

E viu que no meio dessas cobras podres, havia tapurus¹¹ de todas as cores: brancos, vermelhos, pretos, azuis.

E Poromina Minare voltou para casa.

No outro dia, foi, de novo, ver como estavam aqueles tapurus. E viu que já estavam grandes e iam virando gente.

Começou a dar-lhes trabalho. Porque naquele tempo não havia gente. Só ele. (PEREIRA, v. 1, pp. 249-250).

11 Salientam, desse modo, os índios, o hábito do tapuru ocultar-se, desenvolver-se como verme, nos paus, na massa da mandioca, etc. (PEREIRA, v. 1, p. 395).

Essa narrativa mítica da origem humana deixaria intrigados os paleontólogos que rastream as origens dos seres humanos e outros vertebrados a partir de estudos de fósseis de vermes.

Observações finais

O universo mítico da Amazônia representa a existência dessa região e tenta explicar suas origens para seus habitantes. É forma de perpetuar as tradições de suas gentes, garantindo os seus valores, pois os que a habitam são, de alguma forma, influenciados pelas criaturas que povoam esse imaginário.

Como em qualquer pensamento mítico, o tempo e o espaço escapam a uma apreensão lógica. Todavia, as explicações, muitas vezes fantasiosas, fazem sentido aos homens da floresta, pois a natureza se relaciona de forma plena com o homem nas narrativas míticas indígenas. Nelas, todos os seres da floresta merecem respeito e são reconhecidos por possuírem suas significações.

As histórias de *Poramina Minare* ou *Poronominare*, extraídas do lendário amazônico por Nunes Pereira, nos meados do século passado, se encaixam nesse universo fabular da Amazônia, onde as narrativas orais imprimem as identidades étnicas e ressaltam a capacidade inventiva dos povos florestinos, expressão de suas maneiras de ser e estar no mundo.

Referências

ANDRADE, Carlos Drumond. Imagens do Índio. Moronguetá. In: PORTO, Arlindo. *Nunes Pereira “O Cavaleiro de todas as madrugadas do Universo”*. Manaus, 1993, 91-94.

BRAGA, Robério. *Manuel Nunes Pereira*. Manaus: Fundação Lourenço Braga, 1997. (Coleção História do Amazonas. Estudos Biográficos, 4).

BITTENCOURT, Ulisses. A partida do velho amigo. In: PORTO, Arlindo. *Nunes Pereira “O Cavaleiro de todas as madrugadas do Universo”*. Manaus, 1993, 115-118.

COSTA, Selda Vale da. Por Rio Amazônicos: conversas com Nunes Pereira. In: BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas. *Vozes da Amazônia: investigação sobre o pensamento social brasileiro*. Manaus: Edua, 2007. pp. 271-308.

EMERY, Bernard. As Icamiabas, os Gêmeos... e Taracuté. Algumas reflexões sobre o imaginário amazonense, entre contaminação e vernaculismo. In: BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas. *Vozes da Amazônia II*. Manaus: Valer e Edua, 2014. pp. 95-116.

MELLO, Thiago de. Um livro de estórias encantadas. In: PEREIRA, Manuel Nunes. *Moronguetá: Um Decameron indígena*. vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. (Coleção Retratos do Brasil nº 50).

MONTELLO, Josué. Elegia para o velho Nunes Pereira. In: PORTO, Arlindo. *Nunes Pereira “O Cavaleiro de todas as madrugadas do Universo”*. Manaus, 1993, 109-113.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 2000.

“NUNES PEREIRA: O drama do índio é irreversível. Ele vai desaparecer”. (Entrevista concedida a Felipe Fortuna e publicada no tablóide literário “Suplemento da Tribuna”, do Jornal “Tribuna da Imprensa”, do Rio de Janeiro, no dia 2 de fevereiro de 1980). In: PORTO, Arlindo. *Nunes Pereira “O Cavaleiro de todas as madrugadas do Universo”*. Manaus, 1993, pp. 119-130.

“NUNES PEREIRA (Moronguetá) morre aos 91 anos no Rio de Janeiro”. Da seção “Livros”, do Jornal “O Globo”, do Rio de Janeiro. In: PORTO, Arlindo. *Nunes Pereira “O Cavaleiro de todas as madrugadas do Universo”*. Manaus, 1993, pp. 23-26.

PEREIRA, Manuel Nunes. *Moronguetá: Um Decameron indígena*. vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. (Coleção Retratos do Brasil nº 50).

PINHEIRO, Harald Sá Peixoto. *Moronguetá: uma poética da diversidade na Amazônia*. In: Caderno Eletrônico de Anais. I SIS Cultura Panamazônia: Interdisciplinaridade, Desafios e Perspectivas (14 a 17 de outubro de 2014). Grupo de Trabalho 01. Manaus: UFAM – PPGSCA, 2014, pp. 45-57.

PINTO, Renan Freitas. *Amazônia – Viagem das Ideias*. 3ª edição. Manaus: Valer, 2012.

PORTO, Arlindo. *Nunes Pereira “O Cavaleiro de todas as madrugadas do Universo”*. Manaus, 1993.

RICOEUR, Paul. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*; tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1977. Título original: *De l’interprétation: essai sur Freud* (1965).

_____. *Tempo e Narrativa*. Conteúdo: 2. A configuração do tempo na narrativa de ficção; tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Título original: *Temps et récit*.

SOUZA, João de Mendonça de. Adeus a Nunes Pereira. In: PORTO, Arlindo. *Nunes Pereira “O Cavaleiro de todas as madrugadas do Universo”*. Manaus, 1993, 87-90.